

QUANDO SE TOMA O TODO PELA PARTE: PORQUE ONTOPSICOLOGIA NÃO É PSICOLOGIA

Patrícia Wazlawick

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO

“...Ontopsicologia é, sobretudo, uma imposição alternativa a toda a racionalidade científica do nosso tempo. Sei que quase todos vocês acreditam que a Ontopsicologia seja psicoterapia ou um aspecto da psicologia. Não é isto”.¹
(MENEGETTI, 1998)

“È possibile che l'esistenzialismo non solo arricchirà la psicologia, ma potrà anche costituire un'ulteriore spinta verso la formazione di una altra branca, cioè la psicologia del sé completamente sviluppato e autentico, e dei suoi modi di essere. Sutich ha definito questo ontopsicologia²” (MAY, et al. 1970, p. 52).

1 Acad. Prof. Antonio Meneghetti, 1ª Conferência realizada no Brasil, em Santa Maria-RS, 09 de fevereiro de 1988, intitulada “Teoria e Organização da Ontopsicologia”.

2 “Substancialmente, a psicologia não assume o papel que Husserl havia desejado e, em 1956, em Paris, vinte anos após as conferências de Husserl, alguns expoentes da psicologia da época, entre os quais Carl R. Rogers, Rollo May, Abraham Maslow, Anthony Sutich e outros, reuniram-se de forma privada e sem qualquer financiamento institucional. Eram os psicólogos da chamada ‘terceira força’ ou Psicologia existencial humanista” (MENEGETTI, 2010, p. 97). “Os desenvolvimentos da psicologia existencial emergem dos ensaios recolhidos em MAY, R.; MASLOW, C.; ROGERS, C. et al. **Psicologia Esistenziale**. Roma: Astrolabio-Ubaldini, 1970. Cf. ROGERS, C. **La terapia centrata sul cliente**. Firenze: Martinelli, 1994. MAY, R. **L'uomo alla ricerca di sé**. Roma: Astrolabio-Ubaldini, 1983. SUTICH, A. **The Journal of Transpersonal Psychology**, 1969. Vale recordar que a Rollo May foi conferido o título de Sócio Honorário da Associação Internacional de Ontopsicologia em 1991” (MENEGETTI, 2010, p. 97). As informações reunidas como resultados do encontro realizado em Paris, em

A obra de Abraham Maslow, publicada em 1968 em sua segunda edição e intitulada “Introdução à Psicologia do Ser” e, traduzida do inglês ao português, apresenta essa mesma informação de que “É possível que o existencialismo não só enriqueça a Psicologia, mas constitua também um impulso adicional no sentido do estabelecimento de outro ramo da Psicologia: a Psicologia do Eu autêntico e plenamente desenvolvido, e de seus modos de ser. Sutich sugeriu que se desse a isso o nome de Ontopsicologia” (MASLOW, 1968, p. 43).

De uma reunião de grandes psicólogos, em 1956, foi proposto, pelos próprios presentes, como deveria ser essa nova abordagem, e eles afirmaram que seria necessário uma “abordagem que colocasse junto a ontologia e a psicologia, o sentido da realidade da vida e o modo de conhecer da consciência humana” (MENEGHETTI, 2010, p. 98). Logo, urgia uma visão que recomeçasse a pesquisa com uma nova metodologia.

Disseram bem estes grandes da Psicologia daquela época. No entanto, o que Maslow e Sutich não sabiam é que a Ontopsicologia seria uma ciência autônoma, epistêmica e interdisciplinar, uma ciência fundamental para além do que é a Psicologia corrente – seja ela do período de seu nascimento, seja de todas as abordagens contemporâneas da mesma³. Ontopsicologia está diretamente relacionada ao Eu autêntico e plenamente desenvolvido, em todos os seus modos de ser, todavia, por mais que conste o termo psicologia em seu nome, Ontopsicologia não é Psicologia – é importante lembrarmos que palavras similares não são necessariamente, nem significam a mesma coisa.

A Ontopsicologia relaciona-se à abordagem da Psicologia Humanista-Existencial⁴, e possui como alguns de seus instrumentos próprios

1956, estão publicadas em MAY, R.; ALLPORT, G.; FEIFEL, H.; MASLOW, A.; ROGERS, C. **Psicologia Esistenziale**. Roma: Astrolabio, 1970.

3 “Para entender Ontopsicologia primeiro é preciso conhecer todas as outras Escolas. Porque todas as Escolas trouxeram algo de bom e avançado. Se antes não tivesse existido a Psicanálise, o Comportamentalismo, a Gestalt – naturalmente, quando digo Psicanálise, digo todas as Escolas, de Freud até Maslow, isto é, se não tivessem existido estas Escolas a Ontopsicologia seria impossível. Por isso, a Ontopsicologia não pode ser contra nenhuma Escola, porque todas são necessárias. Só que a pesquisa vai mais adiante” (MENEGHETTI, 2000, informação verbal de curso, por ocasião do *Residence* para Jovens ‘O ponto força do sucesso’, realizado em Bombinhas-SC, 2 a 5 de novembro de 2000, 4ª Conferência).

4 “A Ontopsicologia se enquadra na psicologia *humanista-existencial*. ‘Humanista’ porque é *antropocêntrica*: qualquer verdade existencial é válida exclusivamente se conformada ao

de intervenção⁵ a psicoterapia individual e de grupo, bem como a consultoria de autenticação (MENEGHETTI, 1996, 2010⁶). No entanto, possuindo objeto de estudo, bem como método e fim próprios, enquanto ciência e campo de conhecimento, além de descobertas, demonstração, critério, visão, dinâmica e instrumentos de análise e intervenção, com aplicações em diversas áreas de intervenção humanista profissionais, sendo também repetível e reproduzível, por meio de seu método, não se circunscreve à área da Psicologia.

Uma vez que existe a ignorância do homem acerca de si mesmo e de sua realidade de vida, objetivando-se em dor, neurose, doença e tantas outras problemáticas, faz-se necessário uma psicoterapia de autenticação para que o homem (sujeito) possa alcançar o próprio critério de realidade. De acordo com Meneghetti (2006a), psicoterapia de autenticação significa “*autopôr-se em análise para verificar se a pessoa se conhece por quanto ela é*” (p. 32, grifo do autor). E justamente por esse motivo é que a Ontopsicologia, entre as suas aplicações, possui também aquela psicoterapêutica, uma vez que “a psicoterapia é preliminar a toda forma de conhecimento, enquanto consente a recuperação do próprio sentido originário” (p. 32).

Bernabei e Zoppolato (2008) contam que em 1973 “Antonio Meneghetti deixa o ensinamento na Pontifícia Universidade *San Tommaso D’Aquino*⁷, em Roma, para iniciar um período de experimentação clínica para demonstrar a validade das teorias que estava ensinando” (p. 12). A experimentação clínica, portanto, tendo em vista sua formação específica para tal, era a via de início da comprovação científica dos conhecimentos teóricos já produzidos por Meneghetti. Era necessária.

homem (...). ‘Existencial’ porque qualquer fenomenologia do devir é compreendida somente se radicada, motivada, impelida e esperada, causa e escopo do ser. Toda realidade do homem (profissão, criatividade, progresso, etc.) é importante se está junto ao ser, sozinha não tem sentido” (MENEGHETTI, 2010, p. 73).

5 Para verificar quais são os instrumentos de intervenção da Ontopsicologia, consultar a obra MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010 – segundo capítulo “Ideografia da Ontopsicologia” (p. 129-142).

6 A primeira data corresponde ao ano de publicação da primeira edição da obra (1996) em português, a segunda data corresponde ao ano de publicação da edição que está sendo consultada para o texto deste capítulo (2010). A partir de agora usaremos nas referências a esta obra apenas o ano da edição mais atual que está sendo consultada. Caso necessário, esse procedimento será adotado para demais obras ao longo deste texto.

7 Pontifícia Università San Tommaso D’Aquino – Angelicvm Roma, www.pust.it

Contudo, era uma etapa na construção da Ontopsicologia, não era sua definição e seus confins enquanto aplicação.

Do trabalho de revisão histórica, de Bernabei e Zoppolato (2008), pela voz do próprio Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, registramos que:

“Ao final do seminário de psicoterapia, percebi que, após ter ensinado todas as teorias, deveria entrar em campo com a prática. Peguei dois casos como experiência em uma aula e comecei a fazer este diálogo no qual eles expunham um problema e eu, usando as teorias que havia ensinado, propunha a solução. Enquanto fazia isso, recordo que havia um estranho silêncio na classe. Mais de uma centena de estudantes provenientes de todas as partes do mundo estavam na sala. Todos em silêncio. Eu não compreendia o que havia acontecido. Depois da aula, alguns se aproximaram e disseram que desejavam fazer consultoria comigo. Respondi: estudem os autores que eu ensinei e façam-na sozinhos. ‘Não, Professor, o senhor nos mostrou uma outra estrada. O senhor foi preciso em ambos os casos, mas usando uma nova metodologia, que não está escrita nos livros’” (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 12).

Neste momento, um dos alunos do curso de Doutorado em Filosofia, que estavam na sala de aula, Alécio Vidor⁸, brasileiro, aproximou-se do Professor Meneghetti e lhe disse: *“O que o senhor está ensinando não é Rogers, é uma outra coisa”*. **“[...] O que está explicando não é mais Psicologia, é Ontopsicologia**. Mas antes de teorizá-la, Meneghetti decide abandonar a Igreja, para verificar com a experimentação clínica” (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 12).

Meneghetti complementa: *“Se o que dizia era verdadeiro, teria curado os doentes”* (p. 13). E ainda: *“Se eu verdadeiramente conhecia o humano, deveria demonstrá-lo sabendo curar qualquer desvio seu. A cura era possível, em todos os casos, somente se eu conhecia o critério portante da natureza do homem: devia identificá-lo, isolá-lo e usá-lo.*

8 Prof. Alécio Vidor: Doutor em Filosofia, Pontifícia Università San Tommaso D’Aquino (1973), Roma, Itália. Mestrado – Pro Dissertazione Doctorali, Pontifícia Università San Tommaso D’Aquino, Roma, Itália; Graduação em Filosofia, UFP (1971); Graduação em Pedagogia, UFP (1968); Graduação em Teologia, Escolasticado São José (1964). .

E foi maravilhoso conseguir isso como um hábito” (MENEGETTI citado por BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 21).

Como visto, então, da reunião de Paris, em 1956, vinte anos após as conferências de Edmund Husserl proferidas em Viena e Praga (em 1935)⁹, sobre a crise das ciências europeias e dentre elas a Psicologia – entre Carl R. Rogers, Rollo May, Abraham Maslow, Anthony Sutich e outros, foi cunhado o termo Ontopsicologia. Essa seria uma nova visão que recomeçaria a pesquisa com uma nova metodologia, que “colocasse junto [...] o sentido da realidade da vida e o modo de conhecer da consciência humana” (MENEGETTI, 2010, p. 98). Os estudiosos citados acima cunharam o nome e propuseram como deveria ser essa nova ciência, no entanto, “faltava o cientista, a mente que pudesse indicar claramente esse novo percurso. Os grandes da psicologia de então não sabiam como devesse ser essa “Ontopsicologia”, não sabiam como deveria ser a ciência que “revela o fundamento ontológico do humano”.

Da ontologia de Parmênides, do princípio da não-contradição “o ser é, e o não ser não é”, temos que o ser é fundamento de toda dimensão existencial. Daí resulta que o conhecimento é ontologia, ou seja, ontologia do grego *on*, *ontos*, significa “do ser, do essente ou ser em existência histórica”, e *logos* como “estudo das lógicas do ser no plano da existência histórica” (MENEGETTI, 2010, p. 78)¹⁰.

A formalização e elaboração da Ontopsicologia como ciência, a partir de suas teorizações interligadas diretamente à prática clínica, por mais de dez anos de pesquisa experimental que demonstram a validação dessa ciência, foram possíveis porque Meneghetti possui uma grande e sólida formação em diversas áreas do saber e conhecimento humano. Sua

9 “Em um ciclo de conferências realizadas em Viena e em Praga em 1935, Edmund Husserl obrigou-se a admitir a impossibilidade de encontrar resposta aos interrogativos profundos do humano através do uso das assim chamadas ciências exatas. Husserl, partindo da observação inicial de uma crise da humanidade europeia, denunciou uma realidade em ato muito mais profunda, evidenciado pelo título originário do ciclo de conferências de Praga: ‘A crise das ciências europeias e a psicologia’. MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010. Cf. HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Turim: Il Saggiatore, 1961. As primeiras partes da obra *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* foram publicadas na revista ‘Philosophia’, de Belgrado, em 1936” (MENEGETTI, 2011a, p. 29).

10 *Background* histórico à Ciência Ontopsicológica (p. 77-103), na obra Manual de Ontopsicologia, de Antonio Meneghetti (2010).

formação científica é constituída de: 1) Doutorado clássico¹¹ em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense em Roma¹² (período de 1966-1969); 2) Doutorado clássico em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicvm) em Roma (período de 1964-1969); 3) Doutorado clássico em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicvm) em Roma (período de 1964-1967); 4) Láurea em Filosofia com abordagem psicológica pela Universidade Católica *Sacro Cuore*¹³ em Milão (período de 1968-1971)¹⁴.

De acordo com o *Background* histórico à Ciência Ontopsicológica, na obra Manual de Ontopsicologia (MENEGHETTI, 2010) “o texto que forneceu uma primeira formalização teórica à ciência ontopsicológica” foi *Ontopsicologia do homem*, proveniente das lições que Meneghetti realizou na faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma, no período em que foi professor convidado, a saber, entre os anos de 1970 a 1973.

O percurso de atuação prática e formalização teórica da Ontopsicologia, bem como todo o seu desenvolvimento e construção histórica, nas mais diversas discussões científicas em suas várias convenções regionais e nacionais, congressos internacionais e mundiais, com vários expoentes de diversas áreas que vinham debater junto ao Professor Antonio Meneghetti, bem como as mais de 40 obras publicadas e traduzidas em várias línguas – tais como inglês, francês, alemão, português, russo, espanhol, letão, ucraniano, chinês e italiano – não serão objeto de estudo neste capítulo.

No entanto, para uma compreensão mais completa, se faz o convite

11 Na Itália, o chamado “doutorado moderno” é um título que se obtém ao final de dois anos de estudo de pós-graduação, por meio da realização de um concurso público organizado pelo Estado, e não representa um título acadêmico. Recebe-se um salário durante estes dois anos, para a realização desta atividade. Este formato de doutorado não é semelhante ao formato de doutorado existente no Brasil, que, por sua vez, fornece um título acadêmico. Convém salientar, portanto, que os doutorados do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti seguiram o modelo “clássico” – similar ao formato de doutorado existente no Brasil – sendo que foram concebidos “segundo os critérios canônicos das grandes universidades romanas”, sendo, portanto, títulos acadêmicos clássicos.

12 Pontifícia Università Lateranense, Roma, www.pul.it

13 Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão, www.unicattolica.it

14 Para verificar a formação científica completa de Antonio Meneghetti, consultar Currículo Lattes, na Plataforma Lattes, www.lattes.cnpq.br

ao leitor de que conheça todos esses aspectos, de modo sério, e que para isso faça uso de obras e referências indexadas, pelo menos, tais como *Manual de Ontopsicologia* (2010)¹⁵, em *Background histórico à Ciência Ontopsicológica* (p.77-103); em *A insubstituível função da Ontopsicologia* (p. 104-114); em *Como nasceu a Ontopsicologia* (p. 115-127). Além dessa obra, ler e estudar também a edição nº 2-2007/1-2008, ano XXV, de março de 2008, da Revista Nova Ontopsicologia – 35 anos, conjuntamente ao Dossiê *Uma viagem de sucesso – o homem que desenvolve o conhecimento clássico ao futuro milênio da humanidade*, editado pela Ontopsicológica Editrice, em 2008; e ainda os sítios oficiais¹⁶ que remetem ao autor e sua obra.

Pois consideramos que, para o estudo aprofundado, científico e sério de uma ciência se faz fundamental estudar pelo menos três pontos: 1) é necessário conhecer as bases fundamentais do pensamento da ciência em questão – nesse caso, para conhecer a Ontopsicologia se faz necessário conhecer quais são as bases fundamentais do pensamento ontopsicológico, assim, é premissa conhecer seu contexto de nascimento, seus textos de referência, a Ideografia da Ontopsicologia, suas descobertas científicas, sua visão, seu critério, enfim, qual é a estrutura científica dessa ciência; 2) conhecer a cultura humanista laica¹⁷, da Antiguidade até os dias atuais – isto é, o conhecimento do homem como centro do universo, uma vez que em toda a base científica do saber está o homem; 3) conhecer o autor fundador da ciência em questão, nesse caso, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, saber pelo menos um mínimo de sua história como cientista¹⁸.

15 MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.

16 Biografia oficial: www.antoniomeneghetti.org.br; Associação Brasileira de Ontopsicologia: www.ontopsicologia.org.br; Faculdade Antonio Meneghetti: www.faculdadeam.edu.br;

17 Este adjetivo – que na sua acepção comum indica quem não faz parte do clero e não recebeu as ordens sacerdotais [...], é usado pelo autor no sentido de humanista, existencial, isento de qualquer dependência de ideologias religiosas, místicas, políticas, ou de outro gênero; portanto, identifica o antropocentrismo, a propriedade do homem universal, apriórico a qualquer acréscimo ideológico, mas de qualquer forma no seu devir histórico” (MENEGHETTI, 2006a, p. 22-23).

18 GARCIA, p. (2008). Informação verbal. Curso ministrado, por ocasião do Seminário de Estudo sobre o livro “A Psicologia do Líder”, que ocorreu de 21 a 23 de novembro de 2008, na Faculdade Antonio Meneghetti, Recanto Maestro-RS.

Dada as premissas iniciais, seguimos à discussão do argumento principal desse texto, que se caracteriza como um estudo teórico, iniciando com a apresentação da Ontopsicologia como ciência fundamental, epistêmica e interdisciplinar ao proceder científico, para, após, problematizar a questão terminológica e conceitual de psicologia, diferenciando-a do campo de conhecimento instituído historicamente e o modo como se nos apresenta hoje, para também compreender o que e como a Ontopsicologia entende por psicologia. Todas estas reflexões nos levarão a entender porque Ontopsicologia não é psicologia.

2 ONTOPSICOLOGIA É CIÊNCIA FUNDAMENTAL

Lobato (2008) relata que ao acompanhar o trabalho científico e acadêmico do Prof. Antonio Meneghetti na Universidade *San Tommaso d'Aquino* (Angelicvm), em Roma, “*desta Faculdade nasceu a ‘Ontopsicologia’*. Mas não nasceu como Minerva, da cabeça de Zeus, vestida e armada; nasceu de uma pequena semente caída no sulco e nutrida pela terra propícia e pelo trabalho do homem” (LOBATO, 2008, apud BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 3).

É impossível resumir de modo breve o que acontecia naquele momento histórico na Itália e no mundo, no entanto, em linhas gerais se faz importante lembrarmos que o contexto era marcado, no que diz respeito à pesquisa do homem e à resolutiva de suas problemáticas, pelo menos no âmbito da psiquiatria, pela existência das questionáveis práticas atuadas nos hospitais psiquiátricos junto aos doentes mentais (como, por exemplo, eletrochoque, psicofármacos, lobotomização e cingulotomia, etc.), e o emergente movimento da antipsiquiatria, com Franco Basaglia e demais expoentes. Além disso, era um momento também em que se colocava em discussão a institucionalização da família como núcleo fundamental da sociedade, eram discutidas em modo mais fervoroso as questões do divórcio e do aborto, das relações homossexuais, em termos de direitos, era o momento das contraculturas, enfim, viviam-se tempos de discutir, repensar, repropor, e questionar tantas formas já instituídas no contexto social. Viviam-se, portanto, crises ideológicas.

Entre os máximos expoentes do período em que Meneghetti se

formou, no período de 1950 a 1960, e que se fazem presentes enquanto conhecimento estudado, analisado, discutido e apreendido por ele, podemos encontrar o jesuíta alemão Karl Rahner, um dos maiores teólogos católicos do séc. XX, e um dos protagonistas do Concílio Vaticano II; o belga dominicano Edward Cornelis Florentius Alfons Schilledeecx; o prêmio Nobel em Física, Werner Heisenberg (1996), com o Princípio da Indeterminação; Jacques Maritain, com a reproposta da teoria atomística da intencionalidade; Papini, com o livro *“Um homem acabado”*; o francês Gabriel Marcel, que com a obra *“Posição e abordagens concretas do mistério ontológico: Ser e Ter”*, retrata o tema da existência em relação ao ser e ter; o austríaco Victor Frankl e sua obra *“Os homens contra o humano”*, preocupado com o estudo e recuperação do significado da própria existência; Carl Rogers e a terapia centrada no cliente, conceito de empatia e aceitação incondicional do cliente, e sua busca de autorrealização; também Erick Fromm; Paul Tillich.

Além desses, ainda encontramos Alexis Carrel e sua obra *“O homem, este desconhecido”*, de 1935; o filósofo francês existencialista Maurice Merleau-Ponty, que retoma e salienta a necessidade da ciência psicológica reencontrar a própria radicação no mundo-da-vida; Ludwig Binswanger, psiquiatra suíço, ao considerar que a doença é um modo do ser humano colocar-se nos confrontos da realidade e da vida interpessoal; Karl Popper, e sua discussão sobre a ciência e as metodologias da pesquisa científica (BERNABEI e ZOPPOLATO, 2008).

Esses são alguns dos estudiosos e pesquisadores expoentes do período de formação científica, com os quais Meneghetti buscou conhecer profundamente seus pensamentos e obras. Bernabei e Zoppolato (2008) destacam que “ele viveu em contato direto com a pesquisa desses homens, os respirou; eram homens que estudavam para saber, para conhecer o homem” (p. 14).

Toda a formação institucional de Meneghetti – conforme já apresentada aqui sua titulação, em diversas grandes instituições acadêmicas e científicas europeias – era sempre intensificada por um percurso formativo autônomo e privado, pago por ele mesmo, “para compreender teorias e práticas mais avançadas da psicologia científica internacional”. Antonio Meneghetti, por um considerável período durante os anos 1960 buscou visitar e conhecer os lugares nos quais “os mais insígnos estudiosos da

psique de então haviam desenvolvido as próprias pesquisas”, pois se interessava em entender o estilo de vida deles, ver se havia coerência entre o que escreviam e o resultado de suas vidas.

O estudo era realizado de modo aprofundado, principalmente nos textos de Ignazio Maiore e Emilio Servadio, italianos, mas também Carl Rogers e Viktor Frankl. Porém, para aprofundar mais ainda, Meneghetti realizou viagens, para conhecer *in loco* o estilo de vida, o local de trabalho, o escritório de Carl Gustav Jung, conhecendo o Instituto Jungiano em Friburgo; em Londres, no Centro de Psicanálise onde Freud trabalhou; ainda em Londres no Tavistock Hospital, trabalhou como assistente, sob a direção do professor Laing; em Paris, frequentou os seminários de Jacques Lacan; conheceu os grupos de Balint; em Viena encontrou pessoalmente Viktor Frankl. Foi assistente convidado a colaborar com dois centros universitários, um na Suíça e um em Floresta Negra (Baden Baden), na Alemanha, no trabalho com doentes esquizofrênicos (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008).

Neste contexto sócio-econômico e cultural, com sua preparação teórica, científica, acadêmica, técnica realizada nos anos de 1960 a 1970, e após o trabalho como professor na Universidade, Meneghetti se depara com a situação de que havia a necessidade da prática, isto é, curar os doentes. Portanto, para demonstrá-lo, este deveria ser um percurso autônomo seu como cientista. Para fazê-lo, não poderia estar submetido a uma instituição, seja ela universitária ou de assistência aos doentes, pois havia a necessidade de “colocar a semente de renascimento” naquilo que estava estudando e desejava saber, pois “[...] a Ontopsicologia era algo diverso, uma estrada muito mais criativa” (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 21).

Orientado por essas premissas ele inicia em 1971 a atividade de experimentação clínica para demonstrar a exatidão de seus estudos curando os doentes, era o momento das descobertas, da pesquisa empírica e da demonstração científica experimental. Trabalha com casos de esquizofrenia, neuroses, droga e doenças físicas, obtendo a cura e resolução de cada um deles. Nesse sentido, Meneghetti (2005b) compreende e enfatiza que “uma psicologia não pode teorizar-se ciência se, antes, não demonstra a práxis clínica da resolução do sintoma. Qualquer ciência, se não possui a própria hipótese verificada sobre o objeto de análise, não pode se teorizar ciência” (p. 8). Durante os

10 anos empregados na atividade de prática clínica diária, Meneghetti “instrumentalizou a psicoterapia, exatamente como um cientista químico usa os primeiros elementos, porque se tratava de colher a passagem que o ser fazia por trás dos fenômenos”¹⁹.

[...]foram-me necessários dez/doze anos de psicoterapia no último estágio em todos os seus aspectos de psicossomática, ideologismo, esquizofrenia, até às psicoplásticas de AIDS, alterações cancerógenas, etc.: queria compreender onde estava o erro, verificar se era constituído pela natureza, motivo pelo qual haveria a impossibilidade de compreender o verdadeiro, aquele verdadeiro segundo Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Heidegger, uma disputa perene durante 2500 anos sobre a possibilidade ou não, para o homem, de conhecer com exatidão (MENEGETTI, 2011c, p. 12-13).

A contemporânea e posterior teorização da Ontopsicologia advém com a demonstração prática e clínica da resolução das patologias e problemáticas humanas, pois “Meneghetti não evidencia somente o problema, mas propõe imediatamente uma solução para este” (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008, p. 11). Portanto, a prática clínica realizada pelo período de 10 anos foi o momento para demonstrar a eficácia do método ontopsicológico, de modo empírico e experimental, comprovando-o. Dessa forma, “*a Ontopsicologia nasce de uma evidência interna à obra clínica bem-sucedida*. No exercício da psicoterapia, vendo o resultado positivo (depois de quatro a cinco sessões a pessoa restabelecia a saúde), comecei a analisar aquilo que fazia e teorizei a experiência clínica que o fato me evidenciava” (MENEGETTI, 2010, p. 112).

Do próprio autor encontramos a asserção:

À premissa ontopsicológica se une a experiência clínica da doença, da neurose, da pedagogia, da psicologia aplicada, do conhecimento do comportamento do homem. A síntese da ciência ontopsicológica nasce unindo o *conhecimento e a experiência ontológica com a clínica*

19 Informação verbal de curso. Conferência ministrada durante a XXIV Summer University of Ontopsychology, Assisi-Itália, cuja temática principal abordada e debatida nesta edição do evento foi Ontologia da Percepção, em 12 de agosto de 2011.

e a psicologia aplicada ao comportamento humano. Por “clínica”, entendo dizer que o quanto expresso nos meus livros é o resultado de uma experiência direta na cura de doenças graves e na resolução de casos de delinquência, de psicossomática, de toxic dependência, de fenômenos parapsíquicos e paranormais (...), por pelo menos dez anos, com uma verificação de mais de trinta anos (MENEGETTI, 2006a, p. 28).

Necessário se faz destacar que “o fato de que a Ontopsicologia tenha escolhido a via psicoterápica é simplesmente uma passagem instrumental, mas não é a mais apropriada ao saber em si da Ontopsicologia” (MENEGETTI, 2006a, p. 34). Meneghetti, em sua atuação clínica inicial, de acordo com sua formação, instrumentalizou a psicoterapia, mas isso não significa dizer que por utilizar a psicoterapia, instrumentalizando-a, a Ontopsicologia se reduza a essa prática. Temos de compreender claramente que instrumentalizar significa “tornar(-se) operacional, fornecendo ou ganhando os instrumentos ou meios pertinentes; operacionalizar” (HOUAISS, versão digital). Portanto, a psicoterapia foi uma forma de operacionalização, a atividade meio pela qual a Ontopsicologia – ciência nascente – poderia desenvolver e realizar suas descobertas, para sua própria formalização científica, e posterior teorização. Era a forma de realizar a experimentação científica da ciência que nascia e validar suas descobertas.

“Não organizei a psicoterapia ontopsicológica para curar os doentes e criar uma prima da medicina: instrumentalizei a psicoterapia ao escopo da filosofia e da ciência pura e aplicada. A finalidade é a capacidade da verdade, portanto, a saída da dúvida, do fenômeno (solução do problema crítico do conhecimento): o homem pode conhecer a verdade? Se pode, como? Para obter a verdade, é preciso reintegrar o homem ao seu Em Si” (MENEGETTI, 2006a, grifo do autor, p. 35).

Com os dez anos de atividade clínica diária, com os mais diversos e difíceis tipos de dificuldades e patologias humanas, em diversas culturas, o autor pode efetuar três descobertas, em base as quais se fundamenta a Ciência Ontopsicológica, a saber: campo semântico, Em Si Ôntico e monitor de deflexão.

A ‘verdade’, a qual o autor remete no parágrafo acima, é a própria verdade que o homem porta ínsita e não conhece, e em base a qual é possível sua realização existencial como ser humano, na história aqui e agora. Portanto, “*a Ontopsicologia pesquisa, indaga o princípio, o fundamento primeiro da atividade psíquica*²⁰” (p. 18). Ao instrumentalizar a psicoterapia, a Ontopsicologia “analisa o ‘princípio’ do sujeito: dali se aprende o modo da cura, portanto, sabe-se também o erro que deve ser eliminado”²¹.

O método ontopsicológico, formalizado na práxis de seu proceder científico, na atividade clínica bem sucedida, converge um utilizar contemporaneamente as três descobertas desta ciência, que são “[...] realidades cardinais para compreender a existência humana, sobre as quais funda toda a própria teoria e práxis” (MENEGETTI, 2006a, p. 7). Pois, como relatado acima, ao analisar o ‘princípio’ do sujeito, dele se aprende o modo da cura – ora, este princípio é o Em Si Ôntico, a essência virtual e formal, “a radicalidade da atividade psíquica, o projeto da natureza que constitui o humano”. Tudo o que está em identidade a esse projeto de natureza, que cada homem possui, está em conformidade e permite a funcionalidade de cada ação e escolha. Por isso o autor diz que “para ter realização na vida, é preciso centrar a técnica exata de uma escolha” (p. 18). Ao escolher o que é útil e funcional à própria identidade o homem pode resolver suas questões existenciais, colocar-se novamente na norma de sanidade, e a partir daí, em autóctise histórica, começar a traçar seu caminho de criatividade em devir, tendo em vista a realização existencial (MENEGETTI, 2004), em todos os âmbitos que compõem a vida humana.

A partir do momento em que o sujeito começa a ter a evidência de sua

20 Atividade psíquica: “ação base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exteriorização somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido). ‘Realidade’ psíquica (inconsciente, pulsões, associações, transposições oníricas, alucinações, visões, etc.) deve ser entendida com a mesma concretude com a qual um físico concebe a matéria (...). Ao dizer ‘atividade psíquica’, concebe-se o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência. Concebe-se a energia base do universo, cuja propriedade é a de se organizar-se intacta ao princípio, enquanto se efetua de todo modo (MENEGETTI, 2008, p. 29-30). Nota inserida pelo autor deste capítulo.

21 Verificar os sete resultados da retomada em ato histórico da informação do Em Si ôntico, em Manual de Ontopsicologia (2010).

identidade, e das escolhas que são úteis e funcionais, ou seja, congruentes à mesma, em cada pequena e grande ação de seu existir – em todos os âmbitos, pessoal, profissional, de estudo, formação, econômico, financeiro, de saúde, político, de relações interpessoais, cultural, etc. – também começa a aprender o que deve ser eliminado e/ou modificado, isto é, tudo aquilo que se faz diferente de sua identidade. Propriamente aqui reside outra descoberta, o monitor de deflexão, que, por sua vez, é uma informação distorcida fixa e que o sujeito considera absoluta em sua vida. O monitor de deflexão “é o mecanismo que interfere na exatidão dos processos cognitivos e voluntarísticos, determinando toda a fenomenologia regressiva conhecida pelo homem como doença, dor, angústia, fâlcia, etc.” (MENEGHETTI, 2006a, p. 7; 2005a). Ou seja, é um mecanismo que altera a leitura que a consciência faz da realidade.

A possibilidade de compreensão e leitura dessas duas informações – seja Em Si Ôntico, que monitor de deflexão, se dá por meio do campo semântico, que em si mesmo é o canal de comunicação, ou seja, “a comunicação-base dos comportamentos energéticos das individuações. Ele permite conhecer em primeira atualidade a dinâmica que uma realidade psicobiológica está atuando” (MENEGHETTI, 2005b).

A psicoterapia ontopsicológica e a consultoria de autenticação são, portanto, diretivas. Nessa aplicação o profissional consultor não dá uma opinião ou um conselho ao cliente, mas informa a ele mesmo as indicações de seu próprio projeto de natureza, de seu Em Si Ôntico, o que deve ser feito, e o que deve ser eliminado, considerando sempre funcionalidade e utilitarismo à identidade daquele cliente. Desse modo, “a práxis ontopsicológica consiste na identificação, isolamento e aplicação do Em Si Ôntico, restituindo ao homem a capacidade de autenticidade e de evolução criativa na própria existência” (MENEGHETTI, 2006a, p. 7).

E nesse ponto dispara a questão da exatidão e autenticidade do próprio homem que faz ciência, do homem operador no social, pois “somente de um homem sadio, completo, satisfeito, pode fluir um conhecimento e uma verdade sadia” (p. 25). Do contrário, “... uma teoria que se origina de um homem doente, frustrado nas suas ambições, não completo em si mesmo, dificilmente será uma teoria de êxito na existência” (p. 28). Falamos em ‘teoria’ aqui, mas neste ponto entenda-se toda e qualquer atividade humana em âmbito pessoal e profissional,

acadêmico, organizacional, institucional, político, econômica, educacional, cultural, etc.

E Meneghetti (2006a) segue dizendo que:

Em um correto procedimento científico, a exatidão dos resultados da pesquisa pressupõe que sejam exatos e em perfeita funcionalidade todos os instrumentos usados. Se o único instrumento de conhecimento que se refere ao homem é o próprio homem, parece evidente que, se este não for exato, ou seja, conforme ao próprio real, as conclusões serão inevitavelmente inexatas. Parece um fato óbvio, mas ninguém nunca se preocupou com isso, portanto – por causa da interferência deformante (...) – o conhecimento sempre foi a projeção de um erro que compromete desde o início qualquer possibilidade de colher a verdade do homem (p. 24).

No fim, a consciência de cada sujeito não sabe ler de fato quem ele é, e não sabe ler de fato o real em si, a realidade por como ela se apresenta, enquanto vida, e não apenas enquanto semioticamente mediada. Existe a evidência de que “a consciência do pesquisador, do cientista, assim como a dos homens em geral, não reflete de modo exato. Constantemente o ser humano é de um modo, mas se crê, se pensa, se reflete de outro”, conforme Meneghetti (2006a, p. 11). É necessário, portanto, refazer a consciência.

E aqui a Ontopsicologia atua, como **ciência fundamental**, epistêmica e interdisciplinar ao homem. A Ontopsicologia é uma área do conhecimento, é ciência fundamental, que regula os princípios ativos de pesquisa, da solução, de toda fenomenologia do que é o existir humano²².

A Ontopsicologia é ciência fundamental porque diz respeito aos fundamentos do discurso científico. O objeto específico da Ontopsicologia é o **nexo ontológico** que deve ser encontrado no interior de cada fenomenologia, que se exprime como economia, medicina, física, psicologia humanista. É uma ciência que busca encontrar o nexo do mundo das causas e constitui a intencionalidade de natureza. Todas as ciências, compreendida a matemática, fazem análise, pesquisas e estudos no âmbito do horizonte

22 Informação verbal de aula – Conferência de Abertura, realizada na XXIV Summer University of Ontopsychology, Assisi-Itália, cuja temática principal abordada e debatida nesta edição do evento foi Ontologia da Percepção, em 12 de agosto de 2011.

macroscópico e, por quanto se queira restringir a análise no âmbito dos efeitos, nenhuma ciência se demonstra capaz de colher a causa em si (MENEGETTI, 2011b, p. 3) 23 (Tradução nossa).

A Ontopsicologia é a mais recente entre as ciências humanistas contemporâneas e tem por objeto de estudo a análise da atividade psíquica inerente ao humano. Através do seu método é possível a repetibilidade e a reprodutividade dos resultados. A Ontopsicologia permite, na sua aplicação, tornar exato o pesquisador, o operador, o líder em qualquer campo que este opere. ‘Exato’ no sentido de que sua consciência deve ser refeita, isto é, deve-se possuir uma lógica exata de acordo com a lógica da vida, e não uma lógica baseada apenas em educação, cultura, critério convencional.

Consequentemente, a Ontopsicologia é ciência fundamental, epistêmica – geral a qualquer procedimento científico ou intelectual – e interdisciplinar, pois o seu destinatário é o operador do contexto global: o homem. Ao ser aplicada na prática, viabiliza a experiência humana em sua totalidade, de modo a ser uma proposta de autenticação a este homem, para tornar exata sua consciência. De acordo com Meneghetti (2011b), “a Ontopsicologia é conhecimento do ser no modo do psiquismo humano, isto é, como inteligência, a razão do homem contata e reconhece o nexo do próprio existir com aquilo que o ser é na sua generalidade, e também na sua transcendência” (p. 3)²⁴ (tradução nossa).

A Ontopsicologia:

[...] é uma ciência infinitamente interdisciplinar. Ela posiciona a própria metodologia a serviço da medicina, da filosofia, da economia, da política, da estética e em particular da arte e da criatividade: a inventiva do

23 “L’Ontopsicologia è scienza fondamentale perché riguarda i fondamenti del discorso scientifico. L’oggetto dell’Ontopsicologia è il nesso ontologico che deve essere rintracciato all’interno di ogni fenomenologia, che questa si esprima come economia, medicina, fisica, psicologia umanistica. È una scienza che cerca di rintracciare il nesso del mondo delle cause e costituisce l’intenzionalità di natura. Tutte le scienze, compresa la matematica, fanno analisi, ricerche e studi nell’ambito dell’orizzonte macroscopico e, per quanto si voglia restringere l’analisi nell’ambito degli effetti, nessuna scienza si dimostra in grado di cogliere la causa in sé (MENEGETTI, 2011b, p. 3).

24 “L’Ontopsicologia è conoscenza dell’essere nel modo della psichicità umana, cioè come intelligenza, la ragione dell’uomo contata e riconosce il nesso del proprio esistere con ciò che è l’essere nella sua generalità, e anche nella sua transcendenza” (MENEGETTI, 2011b, p. 3).

homem em referência ao mundo e à própria sociedade. É um modelo de consciência e de racionalidade que o homem pode relativizar e especificar no próprio âmbito de intervenção – empresarial, administrativo, do direito, da política – do próprio mundo, da própria sociedade, do próprio contexto. Uma vez que o homem é exato, é autêntico na hipótese da natureza, faz as devidas ciências: física, filosofia, biologia, informática, etc. (MENEGHETTI, 2005c, p. 366).

Na prática, à Ontopsicologia, interessa a autenticidade, a exatidão do operador enquanto homem, nas mais diversas áreas de atuação e campos de conhecimento humano. “Por este motivo não é preciso assassinar a Ontopsicologia dentro da psicologia, a psiquiatria, a medicina, a política; deve permanecer um conhecimento apriorístico do homem em função do homem”. Assim se faz ciência fundamental, epistêmica e interdisciplinar.

3. DISCUTINDO ‘PSICOLOGIA’: QUESTÃO TERMINOLÓGICA/ CONCEITUAL EM DIFERENCIAÇÃO AO CAMPO DE CONHECIMENTO INSTITUÍDO, E A PSICOLOGIA PRESENTE NA ONTOPSICOLOGIA

Já desde os antigos filósofos clássicos a psique (do grego ψύχω) era buscada ser compreendida, era indagada como objeto do conhecimento filosófico, era tida como uma preciosidade humana, para a qual era destinado um cuidado especial, como sacralidade do humano – lembrando sempre que, tudo isso, orientado e compreendido em sentido laico. Muito depois se tentou aprisioná-la como especialidade do conhecimento científico, que até hoje, século XXI, não a compreende de modo completo.

A psique é a interioridade, a alma imortal²⁵, um princípio vital, intelectual, que ordena o existir humano, é um projeto, um princípio escrito nas próprias células de cada sujeito e de cada individuação, é informação viva e constante. Psique compreendida como alma, como sopro vital, espírito vivente, fogo existencial²⁶. Os gregos já a compreendiam desse

25 Em sentido laico.

26 Estas observações são fruto de vários seminários realizados por diversos docentes junto à Faculdade Antonio Meneghetti, em particular algumas lições realizadas

modo, e tinham a razão do conhecimento de causa. Para Aristóteles a psicologia era uma das ciências das coisas naturais submetidas à mudança ou ao devir. Sendo assim, a alma, como objeto de estudo da psicologia, “[...] que em grego se diz *psyché*, é um ser natural, que existe de formas variadas em todos os seres vivos, plantas, animais e homens” (CHAUÍ, 2006, p. 44). Alma significa “a forma da vida – que acontece em um organizado químico-biológico e move o corpo” (MENEGETTI, 2004, p. 513). Novamente lembrando que o pano de fundo que orienta essas definições é sempre o sentido laico, é o sentido humano – não atrelado a nenhuma orientação ideológica ou religiosa.

Meneghetti, desde o início de sua atuação profissional na universidade, a partir do estudo do ser humano de modo integral, e depois, com a aplicação prática clínica, evidencia que era necessário individuar essa psique enquanto lógica que portava, enquanto linguagem, e como o quê o homem poderia fazer para colocar em prática a ordem desta psique (sua lógica), em sua história aqui e agora, no espaço e tempo situados de sua existência concreta.

De acordo com Meneghetti (2010), hoje o estudo da psique, tal como o conhecemos, “é muito diferente daquele desenvolvido na Antiguidade pelos pesquisadores de toda grande cultura. Todas as civilizações antigas se ocuparam da Grande Psicologia, ou melhor, da pesquisa profunda de respostas às urgências metafísicas do homem” (p. 77). Continua o autor:

No passado, pelo menos há cerca de dois mil anos, a psicologia era uma ciência muito séria, reservada somente aos sábios, aos filósofos, aos santos padres; substancialmente, a pessoas de *eminente* maturidade e saber. A psicologia tratava das coisas da psique: “psique” é alma, espírito, o ato da vida. Tudo isso foi sem dúvida verdade até 1930 (MENEGETTI, 2006b, p. 35).

Em relação ao que se entende por Psicologia, Meneghetti (2010) explica que esse termo deriva do grego $\psi\upsilon\chi\eta'$ (psique, alma) e $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$ (estudo, pesquisa, lógica, racionalidade). Dessa forma, psicologia “significa estudo da alma ou princípio vivente do homem, em sentido laico. Psicologia quer dizer: ‘compreender racionalmente a atividade da psique” (p. 77).

pelo Prof. Dr. Paolo Garcia, no Curso de Especialização *Lato Sensu* Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Disciplina Estrutura da Personalidade, módulo dezembro, data: 18 de dezembro de 2011.

Sócrates, na filosofia grega, considera a psique um elemento que dá propriedade à matéria, que a torna viva: propriamente esse elemento é a “psique vivente, a alma [...]. Esta psique identifica a vida, é o elemento cuja presença indica a vida, e cuja ausência indica que não há vida. Ela é o elemento-base que torna a matéria semovente” (MENEGETTI, 2010, p. 79-80).

No entanto, do conceito e definição formal da psicologia tradicional, a mesma é inicialmente entendida, se nos guiarmos pelo viés etimológico e histórico da palavra, como composta de duas raízes gregas: *psiqué* = alma, e *logos* = descrição ou ciência. Bonow (1970) diz que o termo psicologia “foi inventada por Goclenius (Frederico Goeckel) no século XVI (1590) em substituição às expressões: ‘estudo da alma’ ou ‘estudo da psique’” (p. 13). No entanto, já por compreender desse modo os dois termos, reduziu-se a um único significado ligeiro, dando por garantida a sua compreensão, e sem se aprofundar no mais específico sentido humano desta palavra.

Partindo deste ponto, e indo um pouco mais adiante em relação ao conceito tradicional de psicologia, podemos verificar que muito se fala e se diz a respeito do mesmo, mais uma vez dando por garantida a compreensão. Mas, no entanto, a própria área da Psicologia, compreende de fato o que é Psicologia em sua integralidade? Vejamos um exemplo disso, no trecho abaixo, de um livro tradicional da área.

Considera-se iniciador dos estudos psicológicos o filósofo grego Sócrates (séculos V a VI a. C.), do qual se diz que ‘fez descer a filosofia do céu à terra’, pois chamou a atenção para a *observação interna do sujeito pelo próprio sujeito* (introspecção). Tornou-se célebre o conselho que ele dava aos seus discípulos: ‘Conhece-te a ti mesmo’. Até o século XVII a psicologia conservou seu caráter de indagação transcendental da essência da alma ou razão. Eis porque a definição mais corrente, dentro deste conceito, era *psicologia é a ciência da alma ou ciência da razão*. Tanto ‘alma’ como ‘razão’ eram consideradas atributos imateriais, distinguindo-se, em virtude deles, o homem de todos os outros animais, por estes não a possuírem. Chama-se psicologia racional aos estudos dessa época ou aos que, ainda hoje, investigam tais questões (BONOW, 1970, p. 13).

Os gregos, a partir de Sócrates, evidenciaram a questão da importância do conhecimento de si mesmo, e tanto ensinaram nesse âmbito. Porém, quando a partir daí, se desdobra o viés da Psicologia como ciência da alma, ou ciência da razão, os estudos edificados pouco acrescentam em relação ao que vem a ser a Psicologia como ciência da alma, pois não se conhece de fato o que é esta ‘alma’, e muito menos o fazer ciência dela ou com ela. Portanto, a partir do momento em que a Psicologia começa a alçar o *status* de ciência, com o advento da Modernidade, no século XVII, ela embarca em outras searas, propriamente para poder ser considerada uma ciência, seguindo todos os preceitos para tal (de acordo com os cânones das ciências naturais e o método científico), e esquece-se, relativamente, da ‘alma’, a qual inicialmente se propunha como razão de ser, como objeto de estudo.

Com o Renascimento (séculos XV e XVI) houve profunda mudança nos métodos de conhecer. Em vez de confiar apenas na autoridade de quem expõe uma opinião como verdade absoluta, a observação, experimentação e verificação dos fatos passaram, com Galileu (1564-1642), a serem a melhor maneira de conhecê-los. A física e a astronomia se emanciparam no século XVII, com Galileu e Kepler; a química foi fundada no século XVIII, por Lavoisier; a biologia se firmou na primeira metade do século XIX, com Claude Bernard e Bichat. Todas estas ciências prepararam o caminho para uma nova psicologia, desta vez realmente científica, que, abandonando o estudo do espírito em si, passou a preocupar-se somente com os fenômenos psíquicos (BONOW, 1970, p. 13).

No conceito contemporâneo, os fenômenos psíquicos e o comportamento, passam a ser objeto de estudo da psicologia tradicional, compreendida também como uma ciência da consciência, do inconsciente, da subjetividade, do ciclo evolutivo humano, do homem em relação social, a psicologia do sofrimento psíquico, das doenças mentais, a psicopatologia, do comportamento, dos processos mentais e neurológicos, entre outros. De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, psicologia é “a ciência que trata dos estados e processos mentais, do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente

físico e social”²⁷ – de modo geral, a psicologia é compreendida, tanto pelo senso comum, quanto pelo meio científico, dessa maneira.

A partir daí, “toda ciência, à medida que seus domínios se alargam e seus estudos se diversificam, passa a dividir-se em partes e a admitir especializações” (BONOW, 1970, p. 15). E foi o que ocorreu com a Psicologia como ciência, como conhecimento científico, que se divide quanto ao tempo ou período histórico, quanto ao conteúdo ou à matéria de estudo e divide-se também como Psicologia aplicada. Além disso, temos ainda as mais diversas abordagens da Psicologia. Falamos, então, de Psicologia(s), e não de uma única Psicologia, enquanto ciência e campo do conhecimento, por como existe desde o momento em que passa a adquirir o *status* de ciência, até os dias hodiernos.

A Psicologia possui diversas orientações ou abordagens teóricas, que são “modelos de leitura dos fenômenos psíquicos” (MENEGETTI, 2005d), isto é, diversas impositões da ciência psicológica que estão relacionadas à diferentes visões acerca do homem. Cada uma dessas abordagens possui um critério diferenciado; além disso, a Psicologia científica se articula em diversas formas segundo o critério que a cada vez adota. Pelo menos cinco critérios podem ser considerados: 1) *critério epistemológico* (se articula em dois modelos, a saber, naturalista e histórico-hermenêutico); 2) *critério da orientação teórica* (pelo menos com 10 modelos, que são: elementarismo, funcionalismo, associacionismo, comportamentismo, cognitivismo, gestalt, psicanálise, psicologia da compreensão, fenomenologia, psicologia sistêmica); 3) *critério do método de pesquisa* (pelo menos 4 métodos: experimental, clínico, estatístico, cibernético); 4) *critério da finalidade perseguida* (*finalidades teóricas* são nove: psicologia geral, psicofisiologia, psicologia animal, psicologia das idades evolutivas, psicologia social, psicolinguística, psicopatologia, psicologia dinâmica; e *operativas* que são cinco: psicologia clínica, psicologia do trabalho, psicologia da educação, psicologia forense, etc.); 5) *critério do objeto de estudo* (pelo menos 4 objetos de estudo: aprendizagem, percepção, processos cognitivos, personalidade e Eu) (MENEGETTI, 2005d, p. 3). Ou seja, falamos de uma ciência com pelo menos cinco critérios diferenciados e mais uma gama de subcritérios.

27 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, versão eletrônica.

O objeto de estudo da Psicologia é compreendido como sendo a subjetividade, uma síntese singular de cada sujeito, e é por meio dela que a Psicologia, como área do conhecimento e de atuação contribui para a compreensão da totalidade da vida humana (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2002). Esses autores entendem que, para a Psicologia, a subjetividade, como objeto de estudo é:

Nossa matéria-prima, portanto, é o homem em todas as suas expressões, as visíveis (nosso comportamento) e as invisíveis (nossos sentimentos), as singulares (porque somos o que somos) e as genéricas (porque somos todos assim) – é o homem-corpo, homem-pensamento, homem-afeto, homem-ação e tudo isso está sintetizado no termo subjetividade. A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese – a subjetividade – é o mundo das ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais. O mundo social e cultural, conforme vai sendo experienciado por nós, possibilita-nos a construção de um mundo interior. São diversos fatores que se combinam e nos levam a uma vivência muito particular. Nós atribuímos sentido a essas experiências e vamos nos constituindo a cada dia (p. 23).

Portanto, os autores supracitados concluem que a subjetividade é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada sujeito. É o que constitui o próprio modo de ser, sendo este, de modo geral, o objeto de estudo da (s) ciência (s) psicológica (s).

Pelo sentido das palavras-chave desta citação: expressões, corpo, pensamento, afeto, ação, vida social e cultural, objetividade social, ideias, significados, emoções, biológica, manifestações, compreendemos que o objeto de estudo da Psicologia, de modo geral, a subjetividade, está assentado no fenômeno, ou seja, aquilo que é “mensurável ou verificável por critérios sensitivos e racionais [...]”. O que aparece de

um sujeito, de um ambiente, de uma coisa” (MENEGHETTI, 2008, p. 121). Esta subjetividade, por sua vez, é construída pelo sujeito a partir de suas relações sociais, desde a infância e em todas as etapas do ciclo biológico da vida. Ao ser construída a partir da apropriação dos significados e sentidos vivenciados e experienciados no contexto social, a subjetividade se apropria e segue lógicas sociais e culturais.

No entanto, a Psicologia presente na Ontopsicologia, significa a análise simples do modo intelectual homem²⁸. Temos aqui uma diferença em relação ao que se compreende pelo termo Psicologia em seu campo de atuação e de conhecimento corrente. E lembramos, mais uma vez, que palavras similares não necessariamente significam a mesma coisa – além disso, incorre-se no equívoco de tomar o todo pela parte.

A ciência ontopsicológica não é psicologia [...]. Mas se ontopsicologia não é psicologia, porque utiliza o termo “psicologia” em sua definição? O termo é utilizado e compreendido de modo diferente da psicologia corrente em seus aspectos etimológicos, epistemológicos e metodológicos. [...] A ontopsicologia, ou ONTOLOGIA DO HOMEM, possui um objeto, um método e um fim específicos que a caracterizam enquanto ciência distinta das outras, mas ao mesmo tempo interdisciplinar. [...] Ontopsicologia é ontologia aplicada ao projeto humano com racionalidade científica (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA, 2011, p. 2).

Coloca-se e defronta-se, então, um problema terminológico, um problema conceitual e de definição clássica, da Psicologia, que se perdeu. Talvez o coração da Psicologia tenha sido raptado, inicialmente, por fisiólogos e médicos²⁹ que não conheciam as bases de fundação da cultura clássica e da Filosofia³⁰ – nas quais a antiga Psicologia nascia e se formava

28 Cf. referência da nota de rodapé nº 25, deste texto.

29 “No séc. XIX, nasce a psicologia experimental com base nos desenvolvimentos dos estudos compreendidos no campo da fisiologia e da medicina. A psicologia volta então ao campo, mas com características diferentes da grande psicologia do mundo clássico (MENEGHETTI, 2010, p. 88).

30 “Quando na metade no séc. XIX a psicologia se destacou da filosofia e passou às ciências naturais fazendo próprios os seus métodos, essa considerou seu objeto os processos psíquicos, que W. Wundt procurou circunscrever globalmente no seu

– sendo que nesse percurso faltou a passagem para o saber do que era (e é) a Psicologia de fato. E depois, todos a conheceram unicamente a partir desse raptó – seja a comunidade científica, sejam as áreas afins, sejam seus estudiosos, sejam cada um dos novos profissionais que são formados nessa área, assim como cada integrante do senso comum.

“[...] Mas enquanto isso, a alma, a psique, onde foi parar? A ciência é sempre profundamente antimetafísica e não admite o elemento subjetivo, considerado opinável e irracional: continua a dar validade apenas com critérios externos à pessoa do pesquisador, ou seja, um método, um procedimento, um protocolo (MENEGHETTI, 2010, p. 95).

Nessa trama envolve-se também a questão da especialização do conhecimento, que direciona o separar e analisar humano por partes, como se não fosse uma unidade, e como se essa unidade não existisse. E, além disso, acrescentou-se a problemática da patologia psíquica, portanto, em grande parte, atualmente, falamos quase sempre de uma psicopatologia – da doença, do sofrimento, da dificuldade – isto é, o nome e o sentido que ressoa, ao lembrarmos de Psicologia, é psicopatologia, em detrimento de uma Psicologia, de fato, em si mesma. Desde o final do séc. XIX e o início do séc. XX, a Psicologia foi reduzida à arte clínica. Falamos de uma psicologia órfã, que foi, então, adotada pela família da Medicina, como se Psicologia fosse um padrão de patologias de ordem não fisiológica, e aí ela se torna patologia psíquica³¹.

conceito atualístico de alma. A expressão cunhada por F. A. Lange da ‘psicologia sem alma’, corresponde em tudo à psicologia científica. Resta, todavia, o quesito sobre o verdadeiro nó do problema da alma: a alma tinha a *função de um conceito diferencial em relação ao corpo*, a função de um substrato permanente dos processos psíquicos e a *função de uma base unitária da vida psíquica*, no sentido de continuidade do decurso, identidade do sujeito e constância do reconhecimento do objeto [...]. Em conclusão: até que a psicologia se identifique com a ‘pura’ ciência empírica, essa não pode decidir o problema da alma” (ARNOLD; EYSENCH; MEILI, 1982, p. 73-74).

31 “Em grande parte, atualmente, a psicologia está circunscrita à psicopatologia, como análise da doença mental, que em si mesma, não é nem mesmo unicamente mental. A psique de um sujeito não pode estar doente, porque é um princípio de vida. Quem está doente é o Eu, é a consciência de um sujeito. A psique é uma informação vida, caso existisse a hipótese de ficar doente, imediatamente o sujeito morreria. A lógica da vida não sofre, quem sofre é a lógica racional”. Cf. referência da nota de rodapé nº 25, presente neste texto.

Olhando esta questão, para remetermos novamente a momentos da história da Psicologia,

Sucessivamente, porém, chegou a onda neurológica, psiquiátrica, médica que – para poder ganhar *credibilidade* dentro da organização institucional (religiosa ou não-religiosa, política, indiferentística ou anárquica, etc.) – buscou *apropriar-se*, em pequenas partes, do *olimpo* dos conhecimentos considerados realmente sérios e incontroversos. Sem dúvida os médicos conduziram muitas lutas, portanto, é um grande corpo do saber que teve os próprios mártires, as próprias incompreensões, mas – de fato – a medicina começou a roubar termos preciosos do grande conhecimento da psicologia tradicional, superior. A propósito, lembro que, quando comecei a ler as análises, os tratados de Jung, Rogers, etc., notei logo que aqueles estudiosos falavam da psique, mas não sabiam o que esta seria: faltava-lhes completamente o conhecimento dessa enorme formação clássica em referência ao que é a psique, a alma. Substancialmente, aquela que hoje é chamada “psicologia experimental”, “psicologia científica”, “psicologia aplicada”, etc. é uma *descrição dos comportamentos psicossomáticos*: o homem é expulso, colocado fora daquele saber que era pacífico, e a psicologia passou a ser destinada aos doentes, *regredindo* enormemente (MENEGHETTI, 2006b, p. 37).

Todavia, como análise simples do modo intelectual homem, a psicologia presente na Ontopsicologia – considerando o quanto apresentado até aqui – busca compreender qual é a lógica presente na individuação homem, a lógica da vida, que esta porta, e como deve fazer para colocar em prática a ordem que já é ínsita em sua psique, em si mesmo. Começamos a falar do mundo das causas, antes do fenômeno, ou do mundo-da-vida, como bem pontuava Edmund Husserl já em 1934.

Essa lógica, em si e por si, possui uma ordem. Ordem compreendida como endereço preciso, direção, como aspecto diretivo. Se lembrarmos de que na vida cada coisa/individuação possui o seu lugar, que existe uma lógica de espaço e tempo, verificamos que o mesmo se aplica ao homem. Isto é, o homem possui uma ordem individual de vida, em seu espaço e tempo, que o distingue e o especifica, diferenciando-o de qualquer outra individuação e tornando-o único. Essa lógica, esse endereço é uma ordem interior, posta pela vida.

Já os filósofos gregos compreenderam que havia uma lógica, que por sua vez não era igual à lógica do Eu, à lógica racional, mas uma lógica intuitiva³². Esta não exige da lógica racional, segundo o processo indutivo-dedutivo, pois são complementares. Porém, a ordem principal é a lógica intuitiva, segundo a qual, do meu dentro posso ver toda uma situação, em um único momento, como uma *gestalt*, uma imagem total, uma visão concreta, material, que dá para mim o ponto de minha direção³³. Junto disso a lógica racional auxilia dizendo/informando como fazer, como atuar na história³⁴.

Contudo, a lógica intuitiva foi apenas intuída pelos filósofos gregos, mas eles não compreenderam como funcionava. Eles não colheram/compreenderam o aspecto ontológico, isto é, do ser (onto³⁵), não compreenderam que a psique era ordem de uma realidade maior, do ser, como uma ordem cósmica, uma informação vital total, que em última instância é a vida em si mesma, em todas as suas formas de manifestação³⁶.

Portanto, a Psicologia como análise (*logos – logia*) simples do modo intelectual homem (*psique*)³⁷, deve compreender qual a lógica, qual a ordem (*logos – logia*), do ser (*onto*), já inscrita e ínsita na individuação homem (*psique*) aqui e agora, ou seja, a lógica do ser na existência homem. De onde, Ontopsicologia = lógica do ser (*ontologia*, como ordem universal do existir) na minha existência (*psique*) aqui e agora, que significa a análise da psique em referimento a toda ordem existencial

32 Sugere-se verificar a definição de intuição, em Dicionário de Ontopsicologia (MENEGETTI, 2008, p. 148).

33 Cf. referência da nota de rodapé nº 25, presente neste texto.

34 Verificar MENEGETTI, A. **Atos do Congresso Business Intuition 2004**. São Paulo: FOIL, 2007.

35 Ôntico: “do grego Òntoz, genitivo do participio do verbo éimi = ser. Participado pelo ser em si. O que constitui o princípio para qualquer possibilidade ou fato de existir. Atualidade da causa primeira de um processo. O princípio pelo qual é, ou não é” (MENEGETTI, 2008, p. 192). Ser: “princípio universal do quanto existe ou é real” (p. 248). Ontológico: “(ver ôntico). Gr. λόγος = estudo, análise. Discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu” (p. 194). A Ontologia, de acordo com Aristóteles, é um dos campos de investigação da Filosofia. A Ontologia é “o conhecimento do ser, isto é, da realidade fundamental e primordial de todas coisas ou da essência de toda realidade” (CHAUÍ, 2006, p. 45).

36 Cf. referência da nota de rodapé nº 25, presente neste texto.

37 É esta a psicologia que se faz presente no termo Ontopsicologia.

homem e a toda a ordem geral vida³⁸.

A Ontopsicologia, conforme sua definição, e por meio de seu método científico preciso, permite tocar, conhecer, colher o projeto existencial do homem, porque é um projeto vivo, existe, se vê a partir de suas características, para, a partir do momento em que se o sabe, que se o individua e isola, compreender essa lógica única do ser em cada existência, e fazer história, atuá-la na história, consentindo a realização do sujeito homem³⁹, em todo e qualquer campo de atuação humanista profissional que este empreenda na sociedade.

De modo muito prático, simples e objetivo, por ocasião do *residence* para jovens “Estética como ética”, realizado em maio de 2011, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti define Ontopsicologia, novamente, a todos os presentes:

“**Onto** = realidade. Qual realidade? Qualquer coisa. Eu sou real. Corpo, sapatos, onto. Onto é claro, é o termo clássico, filosófico, grego; sim, mas, de qualquer forma, onto? A realidade. O que entendes por realidade? Tudo aquilo que entende por realidade é onto. **Psique**: é intelecto, é pensamento, é consciência, é Em Si, crítica, razão, Eu, podemos entender tantas coisas, mas substancialmente é isto. Depois, **logia**: método, estudo, pesquisa. Ontopsicologia: a grosso modo seria como o Eu analisa, administra, estuda, faz a realidade assim, mas psique de acordo como um indivíduo é de fato, como foi construído; porém, se por psique entendemos o Em Si ôntico, então, Ontopsicologia seria o estudo, a competência, de como construir a realidade para si, construir, fazer, entrar em relação com a realidade segundo a lógica do meu Em Si. Esta é Ontopsicologia, como administrar a realidade em vantagem ôntica, em vantagem real” (MENEGHETTI, 2011, informação verbal).⁴⁰

38 Cf. referência da nota de rodapé nº 25, presente neste texto.

39 Ver “fim” (finalidade/escopo) da Ontopsicologia, segundo a estrutura científica, em Ideografia da Ontopsicologia (MENEGHETTI, 2010).

40 Curso com Acadêmico Professor Antonio Meneghetti realizado em maio de 2011.

Portanto, existe um salto qualitativo aqui, remetemo-nos, em relação à Ontopsicologia, à uma técnica de verificação da realidade, um método para tal, que permite, a cada sujeito – que aplique de modo sério e exato essa técnica, esse método – entrar em relação com a realidade segundo a lógica de sua própria vida, simplesmente aquilo que é. Sem desvios e sem informações desconexas, sem distorções no modo de leitura da realidade. Com essa técnica é possível o nexu ontológico⁴¹.

Há mais de 40 anos esse método jamais teve um erro ou pelo menos a hipótese de um erro. É um método para o conhecimento de um comportamento de um sujeito, de um objeto, sendo que, toda vez que se conhece esse comportamento, se pode escolher. De que modo? Se o sujeito escolhe em conformidade com esse comportamento, se ganha vantagem, se ganha solução. Assim como uma matemática real, ao seguir o método se obtém sempre o cálculo exato, ao se seguir fora do método, se obtém apenas resultados imaginados. No âmbito da Ontopsicologia, o método consiste em ter descoberto a existência do Em Si Ôntico e o seu comportamento, as suas fenomenologias⁴² – pois todo o conhecimento, toda a atividade, a clínica que Acad. Prof. Antonio Meneghetti realizou no passado, consentiu-lhe descobrir este princípio no comportamento do homem. Uma vez descoberto esse princípio, esse comportamento, é possível saber, imediatamente, o que é necessário fazer para melhorar o homem. Caso exista um problema, caso se esteja em diáspora, em falimento, também se sabe, também é possível a informação da causa, e atuando sobre essa causa, variar os seus efeitos. Portanto, na operacionalização técnica do método ontopsicológico, são usadas, contemporaneamente, as três descobertas: Em Si Ôntico, campo semântico e monitor de deflexão.

Portanto, a Psicologia presente na Ontopsicologia é a lógica da vida de um sujeito, o nexu ontológico, e a análise e verificação desta própria lógica, o conhecimento da causalidade psíquica para verificar seus efeitos, para operar soluções, saúde, crescimento, evolução em criatividade, ou para resolver toda sintomatologia e dispersão, em aspectos de saúde, de relações, de inteligência, sociais, econômico-financeiros, enfim, na

41 Vide o texto que consta no Editorial da Revista Nuova Ontopsicologia – BRIC'S Youth Generation, de junho/2011, “20 giugno 2011, Ginevra, Palazzo delle Nazioni Unite – Fare metanoia per ritornare nella causalità delle cose”, Antonio Meneghetti, p. 2-5.

42 Vide as 15 características do Em Si Ôntico, em Manual de Ontopsicologia (MENEGETTI, 2010).

globalidade existencial. Aqui se identifica a demonstração objetiva da aplicação da Ontopsicologia, a sanidade funcional e a realização, de acordo com sua estrutura científica, pois em primeira instância, quando o método é bem aplicado, se verifica/resulta o “desaparecimento do sintoma ou problema”, para, na sequência, o sujeito se direcionar ao seu “desenvolvimento no plano da funcionalidade integral a si mesmo na globalidade existencial” (MENEGHETTI, 2010, p. 137). Com esses aspectos sendo realizados pode-se fazer a confirmação de que “*o fim último da existência humana é a criatividade*. O ser humano não é feito para repetir, mas para evoluir” (p. 230).

Após esse percurso científico e de construção da Ontopsicologia, empreendemos que, em uma síntese dialética, a psicologia em termos ontopsicológicos “é a lógica do ser na alma, a lógica da vida no indivíduo histórico; portanto, o ser como se motiva, como se abre, como se revela ao capaz condutor dando a possibilidade de saber, momento a momento, o que pode fazer historicamente” (MENEGHETTI, 2011e, p. 157).

É um percurso, portanto, de refundação crítica do conhecimento científico, tendo em vista o critério que dê fundamento à existência dessa lógica no homem: “... um critério que dá realização a todas as tensões virtuais do homem como capaz responsável de ser valor total para si e ajuda superior para outros como ele” (p.157). Desse modo, é possível afirmar que Ontopsicologia é ciência fundamental, basilar, preliminar e propedêutica, uma vez que é fundamento para o discurso científico, sendo assim epistêmica e interdisciplinar, realizando a integração do saber científico⁴³, para cada um dos demais campos do conhecimento, inclusive no que diz respeito à Psicologia, tal como a conhecemos hoje.

43 Krylov (2001).

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, W.; EYSENCH, H. J.; MEILI, R. **Dizionario di Psicologia**. 2. ed. Roma: Paoline, 1982.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. Documento redigido/Carta, 22 de maio de 2011. Não publicado.
- BERNABEI, P.; ZOPPOLATO, A. Dossiê Antonio Meneghetti: uma viagem de sucesso. **Revista Nova Ontopsicologia – 35 anos**, n. 2-2007/1-2008, ano XXV, de mar. 2008. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BONOW, I. W. **Elementos de psicologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HEISENBERG, W. **A parte e o todo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão digital. Disponível em CD Room.
- GARCIA, P. Disciplina Estrutura da Personalidade. Informação verbal de curso, Curso de Especialização *Lato Sensu* Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, módulo dezembro, data: 18 de dezembro de 2011. Recanto Maestro: Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).
- KRYLOV, A. L'integrazione del sapere scientifico e l'Ontopsicologia. p. 26-31. **Rivista Nuova Ontopsicologia**, n. 1, ano XIX, abr., 2001.
- LOBATO, Abelardo. A semente da Ontopsicologia. In: BERNABEI, P.; ZOPPOLATO, A. Dossiê Antonio Meneghetti: uma viagem de sucesso. **Revista Nova Ontopsicologia – 35 anos**, n. 2-2007/1-2008, ano XXV, de mar. 2008. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008, p. 3-6.
- MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.
- MASLOW, A. H. **Toward a Psychology of Being**. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Company, 1962.
- MAY, R. et al. Psicologia existencial: che significa per noi? In: ALLPORT, et al. **Psicologia Esistenziale**. Roma: Astrolabio-Ubaldini, 1970.
- MENEGHETTI, A. Informação verbal de curso – 4ª Conferência do **Residência para Jovens 'O ponto força do sucesso'**, realizado em Bombinhas-SC, 2 a 5 de novembro de 2000.

- MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004a.
- MENEGHETTI, A. **A feminilidade como poder, sexo, graça**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004b.
- MENEGHETTI, A. **O monitor de deflexão na psique humana**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005a.
- MENEGHETTI, A. **Campo Semântico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005b.
- MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005c.
- MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia: o nexa ontológico da psicologia**. Artigo apresentado no IV Congresso Mundial de Psicoterapia, 27-30 de agosto de 2005d, Buenos Aires, Argentina. Disponível em: http://www.onto.net.br/index.php?title=Ontopsicologia:O_nexo_ontol%C3%B3gico_da_psicologia
- MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit**. Introdução à Ontopsicologia para jovens. Vol. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006a.
- MENEGHETTI, A. **Intelecto e personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006b.
- MENEGHETTI, A. **Atos do Congresso Business Intuition 2004**. São Paulo: FOIL, 2007.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, A. Humanismo e Ontopsicologia. p. 29-35. **Revista Saber Humano**, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, edição especial, set. 2011a.
- MENEGHETTI, A. Fare metanoia per ritornare nella causalità delle cose. p. 2-5. **Rivista Nuova Ontopsicologia**, n. 1, 2011b, ano XXIX, junho.
- MENEGHETTI, A. **Conhecimento ontológico e consciência**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2011c.
- MENEGHETTI, A. **I giovani e l'etica ontica**. 2. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2011d.